



Reprodução

O mestre com Rosa Magalhães, uma de suas discípulas



Reprodução

Cenógrafo respeitado, Fernando Pamplona era jurado dos desfiles de escola de samba até 1959, quando se encantou pela plasticidade de um desfile do Salgueiro, escola onde fez história



Reprodução

Fotógrafo na juventude, o aluno da Escola de Belas Artes atuou em montagens de ópera e teatro antes de se dedicar aos desfiles carnavalescos



Widger Frota

Ao deixar os desfiles, Pamplona tornou-se um comentarista sem papas na língua nas transmissões pela extinta TV Manchete



Reprodução

Xica da Silva, do carnaval de 1963, ressurgirá no Salgueiro de 2027 em homenagem a Fernando Pamplona

Rosa disse que ele mudou a estética e a forma de apresentar o carnaval, e fez questão de emendar que fez isso com integridade.

O método era o mesmo usado no barracão. Pesquisa primeiro, desenho depois. Fonte histórica antes da purpurina. Pamplona ensinava que uma alegoria precisa ser lida a cem metros de distância e continuar de pé quando vista de perto, e que fantasia é figurino, com corte, com peso, com lógica de cena. Quem aprendeu isso com ele levou a lição para outros cantos e transformou o que era exceção salgueirense em gramática comum do carnaval carioca. Praticamente todo desfile que o Brasil assiste hoje descende de alguma aula que esse homem deu nas salas da Escola Nacional de Belas Artes.

A segunda vida de Pamplona começou onde a primeira parou. Funcionário da TVE do Rio des-

de o início das operações da emissora, em 1975, ele já tinha produzido para a televisão educativa a novela "João da Silva", experiência que misturava teledramaturgia e curso supletivo e que ganhou o Prêmio Japão de radiodifusão educativa.

Aposentado do barracão, apresentou à direção da TVE um projeto que hoje pareceria delírio de pauta. A Globo anunciava para 1980 o slogan "Programação Normal e o Melhor do Carnaval", o que na prática significava desfile do Grupo Especial carioca e quase e nada mais. Pamplona propôs o oposto: oitenta horas ininterruptas de carnaval brasileiro. Deu certo. A emissora pública transmitiu o Grupo 1-A e o 1-B, reprisou os desfiles, entrou ao vivo no carnaval de Niterói, de São Paulo, de Porto Alegre, e abriu espaço para a folia de todo o país.

o próprio Pamplona, a TVE ba-

teu a Globo no Ibope em determinados momentos. No ano seguinte foram 81 horas. Em 1982, 82 horas, três dias e meio de transmissão sem parar, com equipes divididas entre a Marquês de Sapucaí e a Avenida Rio Branco para cobrir escolas, blocos e ranchos. O time incluía Albino Pinheiro, Sérgio Cabral, José Carlos Rego, Luiz Lobo, Mister Eco, Amaury Monteiro e José Luiz Furtado. Nenhuma emissora brasileira repetiu a dose depois disso.

Nos anos 80 e 90, Pamplona virou a voz mais respeitada das transmissões da Rede Manchete, ao lado de Haroldo Costa, Maria Augusta e Paulo Stein, num período em que a emissora da Glória disputava o carnaval com a Globo e criou linguagens que a televisão usa até hoje, como mostrar o grito de guerra do intérprete antes da escola arrancar. Ele também comentou na Band e na Globo, e foi jurado do Estandar-

te de Ouro.

Aquela cabine era um lugar perigoso para quem gostava de unanimidade. Como lembrou Cony, ele foi o primeiro a denunciar que o samba-enredo estava virando marchinha, acelerado até perder a melodia. Cobrou publicamente a ausência de negros nos setores nobres dos desfiles. Reclamou da direção de imagem que trocava a análise da alegoria por closes de corpos seminus, e disse isso com todas as letras sobre a emissora em que trabalhava.

O momento mais lembrado veio em 1989, quando Joãozinho Trinta levou à Sapucaí o Cristo mendigo da Beija-Flor e a Justiça mandou cobrir a alegoria. Do microfone da Manchete, o professor gritou para o ex-aluno que evoluísse na avenida: "Evolui na avenida, João!" Era o mestre defendendo o discípulo contra a censura, ao vivo, em rede nacional.

Vale lembrar de que lugar ele falava. A revolução salgueirense começou em 1960 e atravessou inteira o período mais duro da ditadura militar. Enquanto a propaganda oficial vendia o Brasil grande, o professor mandava para a avenida um quilombo, um rei negro de Vila Rica e uma ex-escravizada que virou senhora do Arraial do Tijuco, com pesquisa em Cecília Meireles e coreografia de Mercedes Baptista. Fazia isso diante de milhares de pessoas nas arquibancadas e de jurados nomeados por órgão do governo municipal. Um enredo não derruba regime nenhum, mas muda o que um país acha que pode ser contado em público. Foi essa a briga que ele comprou.

Pamplona tinha tudo para ser mais um artista de gabinete. Estudou na melhor escola de arte do país, viajou premiado para a Europa, montou ópera no Municipal, recriou Picasso. E passou a vida inteira dizendo que a força do trabalho dele vinha de fora, do morro, do terreiro, da roda de samba, da festa de boi que viu quando era menino no Acre.

Em janeiro de 2013 lançou a autobiografia "O encarnado e o branco". Morreu em setembro, em casa, em Copacabana, um mês depois de descobrir um câncer raro. Foi enterrado no São João Batista, em Botafogo.

Cem anos depois do nascimento, o Rio tem uma dívida de memória com Fernando Pamplona. Parte do acervo dele segue espalhada entre instituições e arquivos de emissoras, e o público mais jovem conhece o nome de ouvir falar, geralmente pela boca de carnavalesco em entrevistas atuais. O que sobrou está na avenida, todos os dias de carnaval. Está no enredo que pesquisa antes de fantasiar, na alegoria pensada como cenário, na presença dos personagens negros do Brasil no lugar mais visível da festa. Está, agora, no Salgueiro de 2027, que decidiu voltar a Xica da Silva.

Cony tinha razão na implicância. Chamar Fernando Pamplona de carnavalesco é pouco. Ele foi o sujeito que pegou a arte que aprendeu na academia e devolveu para quem sempre foi dono dela.